

Introdução

José Eduardo Reis

Fátima Vieira

Utopia e alimentação são termos cujo discreto valor conceptual é definido, como ensinam os linguistas, diferencialmente, mas também pelas relações que cada um dos lexemas mantém com outros termos do sistema verbal e do campo de ideias em que ambos se inscrevem. A sua dissemelhante significação é aparentemente irreduzível e derivada da oposição entre o que é da ordem do ideal e do prospetivo e o que se inscreve, prementemente, no mundo material da necessidade tangível. Mas como também ensinam os linguistas, todos os termos verbais são dotados da propriedade de articulação, característica que, associada à sua singularidade diferencial, permite gerar sentido e, neste caso, formular e compreender o alcance epistémico, ontológico, ético e estético do enunciado bíblico de que não só de pão vive o ser humano. Por outras palavras, sem o alimento físico soçobramos, mas sem o alento ideal não chegamos a viver libertos da estrita determinação das leis biológicas. Se a utopia, com as suas ramificações proto-históricas nos fundamentos da civilização ocidental é, nominalmente, um invento literário dos alvores da idade moderna, a alimentação humana é uma atividade ubíqua associada à sobrevivência da espécie, que requer, para o seu estudo sistemático, os contributos da arqueologia e da paleontologia. De facto, a produção, distribuição e consumo alimentares podem ser entendidos como um complexo de ações catalisadoras da história da humanidade, seja

porque as revoluções agrárias nela ocupam um papel determinante no crescimento demográfico, seja porque muitos movimentos migratórios e de ocupação territorial foram impulsionados pela carência de bens comestíveis – literalmente pela ocorrência de surtos de fome –, seja ainda porque o alargamento e a sofisticação da dieta alimentar está também na origem de eventos transformadores das economias e das sociedades – por exemplo, os que decorreram de descobertas geográficas ou da abertura de novas vias de comunicação entre os povos e os continentes. São, portanto, muito remotos no tempo os vestígios daquele complexo de ações que se distendem, com variações de regime e de técnicas alimentares (recolheção, caça, geração e aprovisionamento de bens), desde o mais antigo homínido, o *Ardipithecus ramidus* (que terá vivido há 5 milhões de anos), ao *Homo sapiens sapiens* (surgido há 120 mil anos), passando pelo *Homo habilis* (datado entre 1,5 a 2,5 milhões de anos), o *Homo erectus* (entre 1,8 milhões a 300 mil anos) e o *Homo sapiens* (identificado como tendo a sua origem há 500 mil anos).

Estudos arqueológicos, paleontológicos e antropológicos conseguem discernir as correlações entre a evolução filogenética dos homínidos e as suas atividades relacionadas com a obtenção e processamento dos alimentos. Estudos historiográficos e sociológicos, por seu lado, atêm-se na identificação e caracterização de atividades gastronómicas historicamente circunscritas e práticas socialmente determinadas do consumo alimentar. Enquanto os estudos filosóficos procuram, na sua abrangente reflexão teórica e disciplinar, responder e problematizar questões elementares sobre a natureza, o conhecimento, a ética, a estética, a política do alimento, os estudos literários fazem incidir, em diferentes tipologias de textos, de diferentes épocas e autores, as suas análises simbólicas, históricas, de género, de raça, entre outros aspectos, sobre a temática alimentar.

Na sua aparente simplicidade, o famoso aforismo “diz-me o que comes e dir-te-ei quem és” do filósofo oitocentista Brillat-Savarin, autor de *Physiologie du goût, ou Méditations de gastronomie transcendante* (1826), coloca questões de natureza cultural e filosófica que se distendem e interceptam o discurso literário utópico. Dos vários sentidos que se podem inferir da frase de Savarin, o que se pode destacar é o de que a escolha do alimento que se ingere indica o sistema de valores que governam a conduta individual e a

organização de uma sociedade. Pelas suas implicações ideológicas e pela configuração das suas possibilidades narrativas, a alimentação é, portanto, um tema, se não central, pelo menos iterativo nas utopias literárias. Disso mesmo é exemplo o texto matricial de Thomas More em que se relata o modo comunitário e regulado como os utopianos comiam os produtos que eram produzidos pelo trabalho agrícola a que rotativamente estavam obrigados executar. A interdição quer da caça, quer de sacrifícios animais em rituais religiosos, bem como a atribuição aos prisioneiros utopianos das tarefas mais violentas na obtenção de carne para fins dietéticos são outros aspectos que denotam a relevância do tópico da alimentação na primeira utopia literária formalmente constituída. Este tópico será recorrentemente utilizado como indicador dos valores filosóficos e das possibilidades imaginadas em textos cujas representações críticas, positivas e negativas, de modelos da sociedade ideal se inscrevem no vasto paradigma do utopismo literário.

* * *

O presente número dos *Cadernos de Literatura Comparada* acolhe um conjunto de ensaios, maioritariamente em língua inglesa, que procuram refletir, sob diferentes perspectivas, a tematização da problemática do alimento no discurso ficcional, ensaístico e cinematográfico de feição utópica de diferentes épocas. O primeiro ensaio, da autoria de Teresa Botelho, explora a dicotomia alimentação natural/artificial, enquadrando-a na reconceptualização das relações entre o ser humano e a natureza na Ficção Científica norte-americana. Adoptando como princípio metodológico o estudo de discursos peditivos apologéticos da eficiência tecnológica da produção de alimentos em ambiente laboratorial, Botelho passa em revista um conjunto interessante de títulos de FC para se concentrar na análise mais pormenorizada de dois textos: *Roadtown* (1910), de Edgar Chambless, que apresenta um plano prático para a reconfiguração da relação entre a cidade e o campo baseado em desenvolvimentos tecnológicos recentes, e *Mizora* (1898), de Mary Bradley Lane, uma ficção especulativa que descreve uma sociedade exclusivamente habitada por mulheres detentoras de conhecimentos químicos que lhes permitem manipular a natureza ao ponto de produzirem pão a pão a partir de pedras. O segundo ensaio, de Aline Ferreira,

explora também a ideia de que no futuro prevalecerá a comida sintética a partir de um livro publicado na coleção “Today & Tomorrow” que, nos anos 20 e 30 do século XX, inflamou a imaginação dos leitores anglófonos de ficção científica. Trata-se de *Lucullus; or the Food of the Future* (1926), de Olga Hartley e C. F. Leyell, cuja narrativa nos leva para um mundo dominado pelos Neo-vegetarianos, uma seita que, através de um programa de evangelização nas escolas, promoveu o aparecimento de uma geração de indivíduos empenhada na defesa dos direitos dos animais e das plantas. Comida sintética fabricada a partir de matéria inorgânica e produzida em quantidades industriais, bem como comprimidos destinados a suprir as necessidades alimentares, são apresentadas, neste contexto, como as alternativas para a sobrevivência humana. Num relato alicerçado num vasto conhecimento da ficção científica, a autora contextualiza estas ideias, sublinhando-lhes a natureza satírico-séria e articulando-as com textos anteriores de ficção científica, bem como com a reivindicação, por parte dos movimentos feministas coevos, de uma sociedade sem cozinhas.

Os dois ensaios que se seguem refletem sobre a possível relevância de perspectivas sobre a alimentação definidas respectivamente nas primeiras décadas do século XIX, em França, e nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos da América, para o estabelecimento de uma nova ordem alimentar apresentada como uma solução para os problemas com que hoje nos debatemos. Para Magali Fleuret, a “Gastrofosa”, a disciplina que Charles Fourier elevou à qualidade de ciência, tem um grande potencial de aplicação aos nossos dias. Sublinhando o carácter holístico da proposta de Fourier e a forma como subverteu o conceito de gula, atribuindo-lhe um papel estruturador da vida em comunidade, Fleuret evidencia a pertinência da relação estabelecida entre a saúde e o regime alimentar, bem como dos quatro ramos da Gastrofosa, que pressupunham um conhecimento profundo do processo de produção, preparação e consumo de alimentos, a ser ministrado a todos as crianças, jovens e adultos de Harmonia, a sociedade idealizada por aquele socialista utópico francês. A autora analisa de seguida a atividade dos diferentes movimentos de *Slow Food* e iniciativas congéneres que têm vindo a marcar a questão alimentar na Europa e nos Estados Unidos desde o final da década de 80 do século XX,

considerando que precisamos de saber onde, como e por quem são os alimentos que ingerimos produzidos, no pressuposto de que é nossa responsabilidade preservar a nossa paisagem agrícola e a mesma visão holística que caracterizava o pensamento de Fourier. Argumenta por fim que, embora alguns dos movimentos de *Slow Food* se tenham tornado pouco mais do que “clubes de gourmet”, a questão alimentar é, antes de mais, uma questão política, que requer a intervenção do governo e o activismo dos cidadãos. Por seu lado, Maria Teresa Castilho parte da afirmação de Wendell Berry de que “comer é um acto agrícola” para evidenciar a relação de filiação entre, por um lado, a perspectiva agrária contemporânea, que pugna por um regresso à terra, e, por outro lado, o movimento dos Agrários, cujas origens intelectuais remontam ao início do século XX. Remetendo para momentos históricos e textos basilares do pensamento agrário americano, Castilho demonstra como ele foi, desde sempre, um movimento de intelectuais e escritores que viam a alimentação como uma questão filosófica e política, contrapondo à ideia de progresso industrial, à cultura materialista e à economia capitalista uma proposta utópica de um modo de vida alternativo. Castilho relata a forma como o movimento, que adquiriu uma feição regionalista particular nas primeiras décadas do século XX, quando os agrários sulistas defendiam o regresso à terra como forma de protegerem a identidade da sua cultura dos ventos progressistas e uniformizadores do norte, atingiu no dealbar do século XXI uma dimensão nacional, vendo-se os seus princípios reflectidos num conjunto significativo de movimentos (como o *Slow Food*) e iniciativas (como as hortas urbanas), bem como na afirmação de um novo consumidor que, ciente da relação de filiação entre a alimentação e a terra, recusa os alimentos industriais.

Rui Rato, em *L'Appétit Sauvage: The Blissful Utopia of Desire and Excess in Ben Jonson's Bartholomew Fair*, introduz a temática do desejo, por via da análise do mecanismo elementar e constitutivo do apetite enquanto expressão atávica e excedentária da natureza volitiva do ser humano. Esta surge representada satiricamente pelos dispositivos retóricos e dramáticos daquele autor isabelino na peça em que elege o espaço de uma coetânea e célebre feira Londrina enquanto lugar subversivo das normas éticas e revogador da validade jurisdicional do conceito de soberania. Para sustentar e problematizar o

argumento de que um tal lugar festivo e de consumo desregrado corresponde à imagem de uma “utopia primitiva” dominada pela incontida gratificação dos impulsos fisiológicos, incluindo o alimentar, Rato apoia-se fundamentalmente nas teses de Bataille acerca do da dissipação do excedente de energia humana, a parte maldita, não economicamente rentável das trocas humanas. Na sua exuberância gratuita, tal como surge representada em Bartholomew Fair, essa energia tende, conclui o autor, a manifestar-se de forma deleitosa e caoticamente livre.

O ensaio de Marta Correia explora um conjunto de textos escritos por mulheres que, embora não sendo formalmente considerados distopias (no que respeita ao género literário), são distópicos pela forma como retratam sociedades em ruptura em diferentes momentos históricos afetados por um conflito armado. Definindo como ferramenta conceptual a tipologia de necessidades definida por Abraham Maslow, a autora passa em revista relatos de situações de escassez extrema de alimentos que se reportam a conflitos tão diferentes como a I Grande Guerra, a guerra na Bósnia ou a guerra na Síria. A análise de Marta Correia evidencia as consequências da privação de alimentos para a saúde humana a nível físico e psicológico, e sublinha a criatividade das mulheres, que apostam numa *cozinha imaginativa* – afirmando o ato de cozinhar como um ato de resistência e celebrando os momentos de hospitalidade e de partilha como sinais de esperança.

Em “The burgers that done the deed”: Hazardous food in Thomas Pynchon’s *Inherent Vice*”, Miguel Ramalheite detém-se a analisar o potencial libertário do consumo de uma pestífera junk food no contexto de uma pseudo narrativa policial que, no emaranhado cómico do seu enredo, evoca ambientes utópicos e desregramentos alucinogénicos associados à contra-cultura “hippy” da Califórnia. O ensaio, explorando a díade moral/alimento, procura responder criticamente à pergunta inicial, convocada a partir de Brecht, “O que mantém o ser humano vivo?”. Para tanto, Ramalheite destaca a instabilidade da qualidade nutricional da alimentação tóxica de algumas personagens, correlacionando-a com a precária experiência utópica da geração californiana dos anos 60, irremediavelmente cancelada com o devir de uma ordem social vigilante e hiper regulada em todos os planos do seu funcionamento, incluindo o alimentar.

Inscrevendo o seu ensaio no campo interdisciplinar dos Estudos sobre a Utopia e Estudos sobre a Alimentação, Iolanda Ramos, em “Food for Thought: Nurture and Nature in *The Giver*”, problematiza a leitura comparatista desta narrativa de Lois Lowry com a sua posterior adaptação cinematográfica. Discutindo numa primeira parte do ensaio os mecanismos de produção de um efeito narrativo híbrido e oscilante quanto à natureza utópica e distópica do texto em análise, Ramos foca-se na segunda parte nos segmentos textuais relevantes que, do ponto de vista do motivo da alimentação, refletem essa justaposição de traços genológicos opostos. Reportando outro exemplo paradigmático da literatura juvenil ou da ficção para jovens adultos, João Santos, em “A Bittersweet Recipe. Spaces of Utopia and Imagination in Harry Potter Meals”, procede a um inventário de espaços, situações e interações narrativas na saga de J.K. Rowling, nos quais a alimentação desempenha uma importante função diegética na composição do enredo da série. Tratando-se de um projecto ficcional construído a partir de uma deliberada opção pelo maravilhoso e pelo fantástico, os marcadores imagéticos de utopismo que nele se manifestam surgem associados, na interpretação de Santos, ao motivo da comida, quer na perspetiva das suas propriedades mágicas e simbólicas, quer no contexto das interações entre as principais personagens e das circunstâncias espaciais que a partir desse motivo narrativamente se projectam.

O artigo assinado por Joana Caetano oferece-nos uma perspetiva distinta da alimentação, vista pelo prisma de uma outra área de estudos emergente, os Estudos sobre os Sentidos. A autora começa por descrever os pressupostos teóricos desta nova área que encara os sentidos como constructos sociais, sublinhando a função mediadora que eles assumem na nossa experiência do mundo. A análise em que investe de seguida, da relação entre o apetite por alimentos e o desejo sexual, estabelece a base para uma leitura do filme *Io sono l'amore*, do realizador italiano Luca Gadagnino, que se reclama de instrumentos teóricos das áreas dos Estudos sobre os Sentidos, dos Estudos sobre a Alimentação e dos Estudos de Género. Centrando a análise do filme nas cenas em que Emma descobre a sua própria sexualidade a partir da degustação das iguarias preparadas pelo jovem Antonio, a autora reconhece à forma como as mulheres utilizam os sentidos uma potencialidade

revolucionária para a condição feminina.

José Eduardo Reis, em “The utopian thought of Amílcar de Sousa, an early 20th century Portuguese naturalist and dietitian”, examina o conteúdo utópico de duas obras singulares do primeiro presidente da Sociedade Vegetariana do Porto, *Naturismo* (1912) e *Arte de Viver* (1924). Reis assinala a visão messiânica de um Portugal frugívoro que naquelas obras se comunica construída a partir de uma estratégia argumentativa de crítica radical à cultura e aos costumes coetâneos do autor, bem como às suas propostas normativas de organização social e de conduta individual assentes em princípios higienista-alimentares e ético-especistas. O ensaio realça ainda a paradoxal representação que o género feminino ocupa nessa visão utópica naturalista, a um tempo tida como responsável pela perpetuação de uma ideologia patriarcal e como mediadora de uma revolução de costumes.

O artigo de Maria Luísa Malato ocupa-se de *História Autêntica do Planeta Marte* (1921), um volume que ostenta na capa o nome dos supostos autor e tradutor, respetivamente Henri de Montgolfier e José Nunes da Matta. A análise de Malato desvela contudo Matta como o verdadeiro autor, descrevendo os diferentes elementos e processos subjacentes à construção desta *autoficção* que nos leva até Marte, um planeta muito semelhante à Terra no que respeita à flora, à fauna e aos seus habitantes, mas não no que se refere às políticas agrícolas, comerciais e industriais. Salientando a forma como a semelhança realça a oposição, já que o que resulta óbvio da narrativa de Matta é que o que é bem gerido em Marte é mal gerido na Terra, Malato investe numa análise intertextual e interdiscursiva, evocando autores (o Barão de Feuchtersleben, Charles Darwin e Thomas Malthus, entre outros) que iluminam as ideias e práticas marcianas, e referindo textos e práticas do próprio Matta, que se empenhou em promover nos arredores de Lisboa as suas propostas de política agrária inseridas numa lógica de defesa da construção de uma sociedade ecológica. A referência à alimentação, que atravessa o ensaio de Malato, torna-se especialmente relevante no que toca à solução alimentar encontrada pelos marcianos depois de terem vivido uma grande guerra em tudo comparável à I Guerra Mundial: a promoção de refeições regradas, diversificadas e saudáveis, preparadas em comunidade e

consumidas em comunidade, na lógica da nova sociedade justa e inclusiva que os marcianos se mostraram determinados a implementar.

Lígia Bernardino, em “Quiasmática convivialidade em Raul Brandão e Maria Gabriela Llansol”, propõe uma leitura comparativa em quatro andamentos e entrecruzada sob os signos da utopia e da distopia de textos de dois autores de referência da literatura moderna e contemporânea portuguesa, reinventores, nas suas respetivas épocas, das virtualidades estéticas e comunicativas do discurso literário. Sustentando o desenvolvimento do seu argumento por recurso a pontuais contributos teóricos de pensadores como Platão, Nietzsche, Deleuze, Barthes, bem como a consagrados hermeneutas de ambas as obras, Bernardino foca-se na isotopia do alimento para demonstrar como Brandão e Llansol, cada qual a seu modo, o primeiro por via da representação expressionista, a segunda pela crítica ao antropocentrismo, se propõem denunciar as misérias do mundo com origem na distópica e redimíveis pela utópica condição humana.

Por fim, a secção de Recensões oferece oito relatórios de leitura de monografias e antologias de textos recentemente publicados e que representam um largo espectro de abordagens do tema da alimentação, desde reflexões metodológicas e uma interpelação filosófica do tema às representações na literatura, passando pela consideração das suas múltiplas implicações económicas, ecológicas e sociais, com uma atenção especial a questões de género, de raça e de classe. Pretende este conjunto de relatórios de leitura contribuir para a definição das metodologias e servir de ferramenta conceptual a utilizar na área dos Estudos sobre a Utopia quando o tema em foco é a alimentação. Na verdade, se a área dos Estudos sobre a Alimentação se encontra em processo de consolidação na Academia, a sua intersecção com os Estudos sobre a Utopia é ainda mais recente. É ambição deste número dos *Cadernos de Literatura Comparada*, e de todos quantos para ele contribuíram – na sua maioria investigadores do projeto Alimentopia / Utopian Foodways – concorrer para o robustecimento teórico deste cruzamento de áreas que evidencia as múltiplas implicações do problema alimentar e a urgência de adopção de estratégias criativas para a construção do futuro.

**

Introduction

Utopia and food, according to linguistic thinking, are terms whose discrete conceptual value is defined differentially, but also by the relational effects they maintain with other words of the verbal system and the field of ideas in which they are each embedded. Their individual meaning is apparently irreducible and derived from the opposition between prospective, ideal thinking and the material world of tangible need. But as linguists also teach, all verbal terms are articulated signs, a feature that, together with their differential singularity, allows us to generate meaning. In this case, to formulate and understand the epistemic, ontological, ethical and aesthetic implications of the biblical statement that humankind does not live on bread alone. In other words, deprived of material food we are unable to survive, but without the ideal impulse we are unable to free ourselves from the strict determinations of biological laws. While utopia, with its protohistoric ramifications in the rationale of Western civilization, is nominally a literary invention of early modern times, human food consumption is a ubiquitous activity associated with the survival of the human species. In fact, food production, distribution and consumption can be understood as a complex of catalytic actions in the history of humanity, either because agrarian revolutions played a major role in population growth, or because many migratory movements and territorial occupations were driven by lack of edible goods – literally due to generalized famines – or, again, because the enrichment and sophistication of common diets also lies at the root of transformative events in socio-economic development, such as those arising from geographical discoveries and the opening of new trade routes connecting peoples and continents. The paleontological remains of this complex of actions are therefore quite pristine: its varying techniques (hunting, gathering, crop cultivation) are ascribed to the following range of hominid ancestors: Firstly, *Ardipithecus ramidus* (who lived 5 million years ago), then *Homo habilis* (dating from 1.5 to 2.5 million years ago), followed by *Homo erectus* (from 1.8 million to 300 thousand years ago), leading to *Homo sapiens* (500 thousand years ago) and eventually culminating in *Homo sapiens sapiens* (from 120 thousand years ago). Archaeological,

paleontological and anthropological studies are able to discern the correlations between the phylogenetic evolution of hominids and their activities related to the gathering and processing of food. Historiographical and sociological studies, on the other hand, focus on the identification and characterization of historically circumscribed gastronomic activities and socially determined practices of food consumption. Philosophical studies, in their comprehensive theoretical and disciplinary reflection, are directed at examining elementary questions about the nature, knowledge, ethics, aesthetics, and politics of food. Literary studies, in turn, aim to provide, among other hermeneutic possibilities, symbolic, historical, gender and race-oriented readings of food in all its guises through a wide range of texts from different authors across the ages.

In its apparent simplicity, the famous aphorism “Tell me what you eat and I will tell you what you are”, by the 19th-century philosopher Brillat-Savarin, author of *Physiologie du goût, or Méditations de transplicitine gastronomie* (1826), raises cultural and philosophical issues that encompass and cut across utopian literary discourse. Of the various meanings that can be inferred from Savarin's statement, the most significant is that the choice of the food which one ingests indicates the system of values governing the individual conduct and structural organization of the society one belongs to. Due both to its ideological implications and narrative configurations, food is thus a theme, which, if not central, is at least a frequent feature in literary utopias. On its own terms, Thomas More's foundational text describes the communitarian and regulated ways in which the Utopians consume the agricultural produce which they are obliged to take turns to cultivate. The prohibition of both the hunting of animals and their sacrifice in religious rituals, as well as the policy of assigning Utopian prisoners the most violent tasks involved in the acquisition of meat for dietary purposes, together illustrate the significance of food in this, the first formal literary utopia. The issue of food will stand henceforth as a textual sign of the philosophical values and imaginary possibilities that critically define the search for the ideal society ascribed to the vast paradigm of literary utopianism.

The present issue of *Cadernos de Literatura Comparada* brings together a set of essays, mainly in English, that aim to reflect, from different perspectives, how food has been

thematized in utopian essays and works of fiction.

The first essay, by Teresa Botelho, explores the dichotomy between natural and artificial food, understanding it in the framework of a re-conceptualisation of the relationship between the human being and Nature in American Science-Fiction. Adopting the methodological principle of studying predictive discourses that argue for the idea of the production of food in a lab, Botelho looks at an interesting set of Sci-Fi titles before she pays closer attention to two texts in particular: *Roadtown* (1910), by Edgar Chambless, that presents a practical plan for the reconfiguration of the city-country relationship based on recent technological advancements, and *Mizora* (1898), by Mary Bradley Lane, a speculative fiction that describes a society exclusively inhabited by women, holders of a chemical knowledge that allows them to manipulate nature to the extent of producing bread out of stones. The second essay, by Aline Ferreira, also explores the idea that synthetic food will prevail in the future; she does so by examining a book published in the collection “Today & Tomorrow” which, in the 1920s and 1930s, fired the imagination of the Anglophone readers of Science-Fiction. The narrative of *Lucullus; or the Food of the Future* (1926), by Olga Hartley and C. F. Leyell, takes us to a world dominated by the Neo-Vegetarians, a sect which, through an evangelisation programme implemented in schools, stimulated the emergence of a generation engaged in the vindication of the rights of animals and plants. Synthetic food manufactured from inorganic matter, as well as pills intended to meet nutritional needs, are presented, in this context, as viable alternatives for the survival of human beings. In an article grounded on a vast knowledge of Sci-Fi texts, the author puts her ideas into context and underlines their satirical-serious nature by articulating them with previous Sci-Fi texts and with the claiming, on the part of the coeval feminist movements, of a society without kitchens.

The two next essays reflect on the possible relevance of perspectives on food defined in France in the first decades of the 19th century and in the United States in the first decades of the 20th century, which aim at the establishment of a new food order presented as the solution for the problems we are facing today. Indeed, to Magali Fleurot, “Gastrosophy”, a discipline that Charles Fourier elevated to the category of science, has a great potential for

our times. Emphasising the holistic nature of Fourier's proposal, as well as the way he subverted the concept of gluttony by acknowledging the way it structures life within a community, Fleurot evinces the relevance of the connection between health and diet and the four branches of Gastrosophy, which implied a deep knowledge of the processes of production, preparation and consumption of food to be given to all the children, youngsters and adults of Harmony – the society idealised by the aforementioned French utopian socialist. The author further analyses the activity of the different movements of *Slow Food* and similar initiatives which have punctuated the food issue in Europe and in the United States since the late 1980s, thus arguing that we need to know where, how and by whom our food is produced; this rests on the assumption that it is our responsibility to preserve our agricultural landscape and the holistic vision that characterised Fourier's thought. Fleurot ends by sustaining that, although some of the *Slow Food* movements have eventually become "gourmet clubs", the food issue is, above all, a political question which requires the intervention of the government and the engagement of citizens. In turn, Maria Teresa Castilho, moving from Wendell Berry's suggestion that "eating is an agricultural act", highlights the filial relationship between the contemporary agrarian perspective, which claims for a return to the land, and the movement of the Agrarians, whose intellectual origins date from the beginnings of the 20th century. Referring the reader to historical moments and ancillary texts of American Agrarian thinking, Castilho shows how it has always been a movement of intellectuals and writers who saw food as a philosophical and political issue, and who counterposed to the idea of industrial progress, materialistic culture, and capitalist economy, a utopian alternative way of life. Castilho reports on the way the movement, which acquired a regional dimension particularly in the first decades of the 20th century, when the Agrarians from the South stood for the idea that by going back to the land they would protect the identity of their culture from the progressive and standardising winds of the North, reached a national magnitude at the onset of the 20th century. The principles of the Agrarians were in fact adopted by a substantial number of movements (such as *Slow Food*) and initiatives (such as urban vegetable gardens), which resulted in the emergence of a new type of consumer who is aware of the connection

between food and the land, and who refuses to have industrial food.

In “L'Appétit Sauvage: The Blissful Utopia of Desire and Excess in Ben Jonson's Bartholomew Fair”, Rui Rato focuses attention on the issue of desire/lust, analysing the elementary and constitutive mechanism of appetite as an atavistic and surplus expression of mankind's volitional nature. Ben Johnson's play capably represents exuberant desire in satirical form through rhetoric and other dramaturgical devices. The Elizabethan London fair of the play's title is presented as a place of ethical subversion and wayward use of the conceptual idea of sovereignty. To support and discuss the argument that such a festive place of unruly consumption corresponds to the image of a "primitive utopia" dominated by the unrestrained gratification of physiological impulses, including food, Rato relies heavily on George Bataille's theses on dissipation of the surplus of human energy, the “accursed share”, the non-economically profitable part of human exchanges. In its free exuberance, as represented in Bartholomew Fair, this energy, concludes Rato, tends to manifest itself in a delightful and chaotically free way.

The essay by Marta Correia explores a set of texts written by women; although they cannot be formally considered literary dystopias, they are dystopian in that they portray societies in a state of total collapse due to an armed conflict. Defining Abraham Maslow's typology of needs as its conceptual tool, the author goes through reports on the extreme food shortage that affected human societies in the violent times of World War I or the armed conflicts in Bosnia or Syria. Marta Correia emphasises the physical and psychological consequences, for a human being, of being deprived of food, and underlines the creative capacity of women mirrored in the assertion of *imaginative cooking* – asserting the act of cooking as an act of resistance and celebrating the moments of hospitality and sharing as signs of hope.

In "The burgers that done the deed": Hazardous food in Thomas Pynchon's *Inherent Vice*", Miguel Ramalhete discusses the libertarian potential of the consumption of nefarious junk food in the context of a pseudo police narrative which, in the comic entanglement of its plot, evokes the utopian environments and hallucinogenic disruptions associated with California's hippie counterculture. His essay, exploring the binary of

morality versus food, seeks to respond critically to the Brechtian question raised at its beginning, "What keeps mankind alive?". In view of an answer within the parameters of Pynchon's novel, Ramalhete highlights the instability of the nutritional quality of the toxic food consumed by some of the characters, correlating it with the precarious utopian experience of the Californian generation of the 60's, hopelessly derogated with the triumph of a vigilant, normative social order with its hyper-regulated food control.

The article by Joana Caetano offers a disparate perspective on food, and approaches it through another emerging field, that of Sensory Studies. The author starts by describing the theoretical basis of this new field, which believes senses to be social constructs, and underlines the mediating function it has on our experience of the world. The analysis she invests in of the connection between appetite and sexual desire sets the basis for a reading of the film *Io sono l'amore* by the film director Luca Gadagnino; it is a reading informed by theoretical tools of the fields of Sensory Studies, Food Studies, and Gender Studies. Focusing on the scenes where Emma, the protagonist, discovers her own sexuality as she tastes delicacies prepared by the young Antonio, the author recognises, in the way women use their senses, a revolutionary potentiality for the condition of women.

Iolanda Ramos in "Food for Thought: Nurture and Nature in *The Giver*", while drawing her argument within the interdisciplinary field of utopian and food studies, offers a comparative reading of Lois Lowry's celebrated novel with its subsequent cinematographic adaptation. Her essay begins by examining the productive textual mechanism and hybrid narrative effects of the novel, which allow it to sway between utopia and dystopia, before then delving into examples of food motives to illustrate the juxtaposition of these opposing subgenre traits.

Resorting to another paradigmatic example of children's literature or young adult fiction, João Santos, in "A Bittersweet Recipe. Spaces of Utopia and Imagination in *Harry Potter Meals*" provides an inventory of fictional spaces, situations, and interactions within the composition of J.K. Rowling's saga, in which food plays an important narrative role. Santos argues how, as a fictional project deliberately imbued with fantasy and wonder, its utopianism is associated with the motive of food, both in the perspective of its magical,

symbolic properties and in the context of the characters' interactions within the spatial circumstances in which they perform their roles.

José Eduardo Reis, in "The utopian thought of Amílcar de Sousa, an early 20th century Portuguese naturist and dietitian", examines the utopian content of two idiosyncratic essays by the first president of the Vegetarian Society of Porto, *Naturism* (1912) and *The Art of Living* (1924). Reis points out the messianic vision of a frugivorous Portugal drawn in both works by means of a discursive dialectical device: a radical criticism of Amílcar de Sousa towards his contemporary culture counterpointed with his normative view of social organization and individual conduct based on hygienist-dietitian and ethical-specist principles. The essay also highlights the paradoxical representation that female gender plays in this naturist utopian vision, at one time held responsible for the perpetuation of a patriarchal ideology and regarded as a potential agent of moral revolution.

The article by Maria Luísa Malato deals with *História Autêntica do Planeta Marte* (The Authentic Story of Planet Mars), which is a volume that clearly displays, on its front cover, the names of the supposed author and translator, Henri de Montgolfier and José Nunes da Matta, respectively. Malato argues, however, that the real author is Matta, and describes the various elements and processes underlying the construction of this *autofiction* that takes us to Mars – a planet that has similar flora, fauna, and inhabitants as Earth, but dissimilar agricultural, commercial and industrial policies. Pointing out the way similarities accentuate differences, since what is clear from the account of Matta is that what is well administered on Mars is badly administered on Earth, Malato invests in an intertextual and interdiscursive analysis. She does this by articulating authors (the Baron of Feuchtersleben, Charles Darwin and Thomas Malthus, among other) that highlight Martian ideas and practices, and by referring to texts and practices of Matta himself, who was very much committed to promoting, in the outskirts of Lisbon, his own proposals for a new agricultural policy in the framework of the construction of an ecological society. The allusions to Martian foodways, which traverse Malato's essay, are especially relevant as regards the food solution devised by the Martians after experiencing a war very much alike

World War I: the promotion of frugal, diversified and healthy meals, prepared in community and had in community, that were consistent with the new fair and inclusive society that the Martians were committed to implementing.

Ligia Bernardino, in "Chiasmatic friendliness in Raul Brandão and Maria Gabriela Llansol", applies both utopian and dystopian lenses in a four-part comparative reading of modern and contemporary poetic texts authored by these two writers, each of whom in their own time renewed the aesthetic possibilities of Portuguese literary discourse. Resorting to theoretical hints of Plato, Nietzsche, Deleuze, Barthes, as well as to renowned critics of both writers, Bernardino focuses on the isotopy of food discussing how Brandão and Llansol, each in their own way, the former through expressionist representation, the latter through anthropocentric criticism, set out to denounce the dystopian miseries and suggest the utopian possibilities embedded in the fabric of social and cosmic life conditions.

Finally, the section of Reviews of this issue of *Cadernos de Literatura Comparada* offers eight reading reports of monographs and anthologies of recently published essays, which represent a wide variety of approaches to food that range from methodological reflections and a philosophical interpellation of the topic to its representations in literature and to the considerations of its multiple economic, ecological and social implications, paying special attention to gender, race, and class issues. This set of book reviews aims to contribute to the definition of methodologies and conceptual tools to be used by researchers in the field of Utopian Studies when approaching food issues. In fact, if the field of Food Studies is still emerging, its intersection with the field of Utopian Studies is an even more recent development. It is the ambition of this issue of *Cadernos de Literatura Comparada*, as well as of all the authors who contributed to it – in their vast majority researchers of the Alimentopia/Utopian Foodways project –, to aid in the process of a theoretical invigoration of this intersection of fields that evinces the variety of implications of the food problem and the urgency to adopt creative strategies for the construction of the future.